

A INDISCIPLINA ESCOLAR E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alyne de Souza Dolácio _ Anhanguera I (angelicaege_der@hotmail.com)
Angélica Maciel Messi _ Anhanguera I (alynedolacio@hotmail.com)
Mônica Costa da Silva – Anhanguera I (monica_leticia2009@hotmail.com)

Eixo: Olhares das Políticas Públicas e da Gestão na Garantia dos Direitos da Criança

Categoria: Comunicação Oral

RESUMO

Este estudo apresenta uma reflexão por meio dos resultados da pesquisa qualitativa, com o objetivo de verificar as causas que a indisciplina escolar ocasiona durante o processo de aprendizagem dos alunos e suas interferências no fazer pedagógico do professor. A metodologia da pesquisa partiu de depoimentos realizados com 04 sujeitos, professores e alunos de escolas públicas do município de Campo Grande/ MS. Dando seguimento analisou-se a estrutura familiar em que este aluno está inserido, a qualificação e preparo do professor diante do ato indisciplinar, as consequências que as ações docentes e discentes ocasionam no processo ensino aprendizagem e possíveis intervenções e mudança de postura frente ao problema. O método é de cunho qualitativo e a análise dos dados foi realizada por meio de questionários com perguntas direcionadas aos professores, pais e alunos do Ensino Fundamental, respectivamente dos 5º e 6º anos, com o objetivo de investigar causas e consequências da indisciplina no ambiente escolar. Partindo dos relatos e da pesquisa bibliográfica foi possível perceber que não há um preparo dos docentes na atuação pedagógica intervindo nos conflitos ocorridos durante o horário escolar. O estudo proporciona a busca de soluções alternativas para os problemas disciplinares mencionados permitindo um olhar diferenciado às atuais necessidades escolares e fomentando muitas inquietações.

Palavras-chave: Indisciplina; Prática Docente; Alternativas Interventivas

INTRODUÇÃO

Esta investigação originou-se das inquietações pertinentes à prática docente no Ensino Fundamental, bem como as experiências durante estágios realizados em escolas de Ensino Regular e estudos realizados nesta área.

Neste estudo buscamos descrever de forma concreta a atuação dos professores do Ensino Fundamental por meio de uma pesquisa qualitativa, a qual contou com a colaboração de 4 sujeitos atuantes em escolas da Rede Municipal de Ensino. Salientamos que o objetivo

desta investigação é refletir sobre as práticas docentes e alternativas para minimizar ou sanar os problemas ocasionados pela indisciplina escolar por meio de depoimentos e análise dos mesmos.

Ressaltamos que o trabalho apresenta considerações significativas a respeito do tema indisciplina escolar, fundamentado por concepções teóricas e práticas de renomados autores da área da educação, os quais sustentam as análises que nos propomos realizar.

1. A INDISCIPLINA ESCOLAR E O PROCESSO EDUCATIVO

A indisciplina escolar não é um problema que surgiu recentemente, apesar de se intensificar com o passar dos tempos. Os professores assim como toda a comunidade educativa não definem com propriedade o que exigir do comportamento do aluno. Por muitas vezes exigem comportamentos baseados em valores pré-determinados, sem o conhecimento das fases em que estes alunos se encontram ou até mesmo a falta de entendimento das transformações ocorridas na sociedade atual e exigem mudanças de paradigmas.

A indisciplina não está centrada em apenas uma ou outra causa: ela é produto de vários fatores, sendo diversas as razões que a justificam. Para tratar de um assunto tão complexo como a indisciplina, é preciso antes entender, entre outras coisas, alguns aspectos históricos que interferiram e ainda interferem em nossas atitudes. Isto, não se pode falar de indisciplina independentemente do contexto histórico-cultural e geográfico em que ela ocorre, porque é extremamente relativa sua concepção. Ela varia conforme os costumes de grupos, região ou país e se transforma através dos tempos. (OLIVEIRA, 2011, p.32-33).

A sociedade pós-moderna, não acompanhou as transformações histórico-sociais que ocorreram durante séculos. Nossa cultura ocidental recebeu como herança tradições as quais os valores morais permeiam a formação do indivíduo como cidadão participativo, ciente de seus deveres e de seus direitos. A formação moral sempre fez parte da educação e talvez seja esta a dificuldade de grande parte dos docentes e pais.

A família mal estruturada, onde os valores estão sendo esquecidos, tem sua influência neste problema. Os pais estão se esquecendo de como educar, por excesso de trabalho não tem tempo para estabelecer limites, esclarecer direitos e deveres e desenvolver hábitos adequados. Pais que não tem compromisso com a família, que não se interessam pela vida escolar de seus filhos, não transmitem valores morais e éticos e que tal comportamento reflete na educação das crianças.

É impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito. Uma coisa é aceitar que o que ocorre no ambiente familiar é importante, e outra, bastante diferente, é acreditar que é determinante e irreversível. (...) Os traços que caracterizarão a criança e o jovem ao longo de seu desenvolvimento não dependerão exclusivamente das experiências vivenciadas no interior da família, mas das inúmeras aprendizagens que o indivíduo realizará em diferentes contextos socializadores, como na escola. (PASSOS, 1996, p. 118).

A escola tem como papel desenvolver habilidades no aluno por meio da participação ativa deste em seu processo de aprendizagem. Os professores estão sendo mal remunerados, desvalorizados, com baixo prestígio social e não conseguem suprir as necessidades dos alunos, mesmo porque suas próprias necessidades não estão sendo supridas.

Piaget (1954) defendia em sua teoria que os valores morais são construídos a partir da interação da criança com os diversos ambientes sociais e por meio de sua convivência diária com outras pessoas, sendo crianças ou adultos, construindo valores, princípios e normas morais. Em casa como na escola o desenvolvimento do julgamento moral, da cooperação e da autonomia é consequência das interações sociais.

Ressaltamos a importância de o professor conhecer as fases de desenvolvimento de acordo com a teoria piagetiana, sabendo lidar com diferentes situações que o cotidiano escolar proporciona, assim como as diferentes faixas etárias, assumindo em seu fazer pedagógico o papel de mediador dessas relações sociais desenvolvendo no discente a criticidade e a participação consciente tornando sua prática pedagógica significativa.

Piaget recomendou que as escolas promovessem respeito mútuo ativo entre as crianças, na maneira proposta por Dewey (1963), descrita no início deste século. Os professores autoritários precisam descobrir seus papéis de professores predominantemente colaboradores e de "iguais". O desenvolvimento da cooperação, bem como da autodisciplina (autonomia), pode ocorrer apenas em um ambiente que permita o florescimento do respeito mútuo. Como acontecem com as outras formas de conhecimento, as crianças constroem o conhecimento e o julgamento moral a partir das suas ações no meio ambiente. (WADSWORTH, 1993, p. 158-159).

A sociedade implica indiretamente no desenvolvimento do aluno, pois quando ele não está dentro das salas de aula, está sofrendo as influências da sociedade. É certo que estas influências não estão sendo positivas, já que não há incentivo do poder público oferecendo a esta sociedade esporte de qualidade, lazer e cultura que o preparem para um adequado convívio social. A mídia incentiva a violência e não comunga com a educação que alguns pais almejam para seus filhos.

Partindo destas reflexões, sentimos a necessidade de conceituar indisciplina que segundo dicionário da Língua Portuguesa Mini Aurélio, a palavra indisciplina se caracteriza

pela ausência de disciplina, sem disciplina, desordem, bagunça. Quando tratamos de ambiente escolar nos referimos ao não cumprimento das atividades didáticas oferecidas aos alunos, a evasão escolar, o excesso de faltas sem justificativas, a falta de compromisso escolar, o não cumprimento das regras de boa convivência em sala de aula e a falta de respeito entre aluno-professor e aluno-aluno.

Já disciplina de acordo com o mesmo dicionário vem a ser submissão ou respeito às regras, às normas, àqueles que são seus superiores etc., disciplina estudantil, disciplina ideológica. Na escola é entendida como adequação do comportamento do aluno naquilo que o professor deseja, ou seja, na visão do professor o aluno disciplinado é aquele que cumpri suas atividades, é obediente, comportado facilitando assim a execução da aula.

Nota-se a falta de conceitos adequados a respeito da disciplina relacionada à educação, pois almejamos a participação democrática, por meio de atitudes de respeito e valores éticos.

A falta de disciplina do aluno em sala compromete seu processo de ensino-aprendizado, não somente do próprio aluno como também da grande maioria da sala. A desobediência para com o professor, a falta de respeito e de moralidade e principalmente a carga horária excessiva de muitos professores, estão levando muitos destes profissionais a consultórios médicos e psicológicos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que o professor dê no máximo 20 aulas por semana. Ele pode trabalhar mais horas, mas não em sala de aula. “Muitos educadores estão se ausentando das salas de aula antes do esperado”. Alguns acabam remanejando-se das salas para outros setores ou até mesmo optando por outra profissão, mas infelizmente sua grande maioria acaba afastada da sala de aula por meio de atestados médicos. (VASCONCELOS, 1996, p. 105).

Hoje as escolas têm passado por situações que comprometem o processo de ensino aprendizagem do aluno, e pode-se dizer que a indisciplina se tornou um dos obstáculos pedagógicos no trabalho educativo. O fato de não haver um consenso sobre o tema e os educadores não saberem o que exigir do comportamento de seus alunos, faz com que a indisciplina se torne, cada vez mais, uma preocupação constante no cotidiano dos professores.

Pergunta-se: O que fazer? A quem recorrer? Indagações estas, frequentes entre a comunidade educativa e que na maioria das vezes não apresenta uma só resposta ou solução imediata. Podemos dizer que como está intimamente relacionada ao nosso fazer

pedagógico, devemos rever nossa postura pedagógica, nossos conceitos e resgatar valores essenciais para a convivência social.

Parafrazeando Vasconcellos (1996), a questão da disciplina pede, para seu enfrentamento, a ajuda de um conjunto de áreas do conhecimento, como Sociologia, Psicologia, Economia, História, Tecnologia, Comunicação Social, além dos próprios saberes pedagógicos. O fazer do sujeito depende do querer e do poder, que se relacionam dialeticamente, já que, por exemplo, o não ver possibilidade acaba diminuindo o desejo de fazer. O poder por sua vez tem uma base objetiva, que são as condições mínimas para a ação; e uma base subjetiva, que é o saber fazer. Há também aqui uma relação entre essas dimensões, uma vez que a base objetiva pode ser alterada justamente pela ação consciente do homem, portanto orientada pela base subjetiva.

O aluno precisa fazer parte do processo de aprendizagem, apropriar-se do saber, colocando em prática os conhecimentos adquiridos (saber fazer) e mudando suas posturas comportamentais a favor de si mesmo e do coletivo (saber ser).

É oportuno ressaltar que as séries iniciais da escolarização são marcantes para o decorrer do processo de aprendizagem. Nas fases iniciais há a elaboração de conceitos sociais e que são internalizados por meio de relacionamentos que se idealiza serem harmoniosos, por meio de diálogos e a afetividade.

Cientes desse contexto, ao tentarmos entender a indisciplina, temos de considerar a complexidade de um mundo dito “pós-moderno” e sua influência sobre o comportamento dos indivíduos. Assim, é importante que o professor, em sua prática pedagógica, assuma uma posição em que ajudar o aluno a encontrar sentido para a vida seja uma de suas metas. Temos de considerar o fato de que, apesar de a escola estar inserida em um contexto no qual os problemas sociais estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, e que estes interferem diretamente as relações dentro dessa instituição, não podemos entendê-la apenas como receptora, mas também, como agente de modificações desse sistema. (OLIVEIRA, 2011, p. 37).

Nos depoimentos prevaleceu a preocupação alarmante tanto dos pais como também dos professores quanto às questões disciplinares, já que tem refletido no processo de aprendizagem e nas relações interpessoais dos alunos. As respostas dos professores abordam como casos mais comuns de indisciplina, alunos que provocam a distração de colegas não cooperando com as propostas didáticas, encontram-se nitidamente desinteressados e apresentando atitudes muitas vezes inconvenientes.

Vimos neste fato a falta de envolvimento do aluno com o conhecimento e

a dificuldade do professor em proporcionar atividades que envolvam estes alunos, assumindo uma prática progressista, ensinando o aluno a pensar, a raciocinar, a perceber a importância dos conteúdos que a disciplina oferece para sua vida cotidiana, relacionando os mesmos com a realidade. Para que isto ocorra é importante que haja uma proposta pedagógica adequada, com a definição da seleção de conteúdos para cada série respeitando as fases da criança como citado anteriormente, metodologias adequadas e uma avaliação condizente ao que foi trabalhado em sala.

Como solução do problema indisciplinar de acordo com nossa pesquisa, a escola, busca alternativas de prevenção oferecendo palestras para conscientizar os alunos da necessidade dos valores sociais necessários para o bom convívio social, e como medida interventiva nos processos indisciplinados os alunos recebem como primeira ação a repreensão verbal, na decorrência a repreensão escrita e contato com os pais.

No ponto de vista dos professores foi unânime a questão da necessidade da equipe docente ter atitudes mais firmes em sala de aula, procurando falar a mesma linguagem. Neste tópico discordamos, pois as aulas não são iguais, assim como o fazer pedagógico de cada professor difere quanto às abordagens dos conteúdos e metodologias aplicadas.

O professor precisa mudar sua postura pedagógica acreditando na potencialidade do educando, trabalhando os conteúdos de forma crítica, despertando o interesse, evitando assim a indisciplina. O fato é que houve uma grande inversão de valores, os pais não se preocupam mais em educar suas crianças, não transmitindo-lhes através de exemplos valores éticos e morais que são indispensáveis para a vida em sociedade.

Os conflitos entre professor e aluno devem ser enfrentados por eles próprios, em vez de encaminhar o problema a terceiros. Está claro que há diferença entre ser autoridade e ser autoritário. Por meio do diálogo o aluno sente-se parte do processo de ensino. Paulo Freire (1997) defende a autoridade democrática, a qual o aluno tem liberdade ética, assumindo a responsabilidade de suas ações. A sala de aula deve ser um ambiente de respeito e aceitação das diversidades sociais e culturais.

Vasconcelos (1996) ressalta que muitos professores para “não perder tempo” acabam perdendo todo o tempo durante o ano, pois utilizam estratégias de sobrevivência e não conseguem equacionar adequadamente o problema da disciplina chegando a ser mais de 50% do tempo útil da sala. Por isso ao invés de encaminhar os alunos indisciplinados para outros setores da escola, como a direção ou a coordenação, a solução é dialogar, ouvir

este aluno em suas necessidades, entender o funcionamento de seu processo de aprendizagem.

O professor sente-se desamparado pela gestão escolar, pois se queixa que os diretores deveriam ser mais rígidos, pois quando encaminha os alunos percebe que não há resultados positivos.

A indisciplina em sala de aula traz muitas consequências para todos os envolvidos, alunos, professores e pais. As relações se desgastam provocando a baixa estima do aluno e do professor, ocorrendo a construção de conceitos pessoais errôneos, prejudicando o crescimento pessoal do aluno e profissional do professor. Decorrente disso a indisciplina pode ocasionar uma transição para a violência, causando sérios problemas de ordem social.

Por isso o professor tem que estar preparado para poder lidar com essa situação, buscando mudança em sua prática pedagógica por meio de estudos e participando da elaboração projeto político pedagógico (PPP).

O aluno está inserido na escola e precisa se adequar às propostas desta. No caso da indisciplina ocorre uma diferença entre a cultura do aluno e a cultura da escola, pois passa a entender algumas regras que são fornecidas pela instituição e essas normas defendem certos preceitos de que o aluno não pode ter determinados comportamentos por estarem fora dos padrões escolares.

Entretanto, essa não é uma regra geral de os alunos se comportarem diante das imposições da instituição e dos professores. Os alunos reagirão de formas distintas dependendo de suas características pessoais: ou se conformam aceitando todas as tarefas, ou se rebelam contra as imposições. Seja qual for o comportamento adotado pelo aluno, uma coisa é certa: nos dois casos, ele será o maior prejudicado, pois será visto como diferente, seja por sua submissão ou pelo vandalismo e agressão, e será rotulado e discriminado pelos colegas e professores, o que poderá agravar cada vez mais esse tipo de comportamento. (OLIVEIRA, 2011, p. 53).

Após conversarmos com os alunos a respeito da indisciplina percebemos, que eles estão cientes do que se trata, assumem que seus atos são indisciplinados, mas não levam à sério as consequências que acarretam tais atos, acreditam que as punições são poucas e até mesmo sutis. As soluções por eles relatadas são: não passar muita tarefa, levar para passeios, ir mais à sala de informática e ter mais atividades esportivas. Percebe-se que os alunos querem outro tipo de ensino, um que chame mais atenção com aulas interessantes.

Os alunos não percebem que assim como tem direitos, também tem deveres e que vivemos em sociedade.

E para isto, somente resta à escola uma solução: lembrar e fazer em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a **preparação para o exercício da cidadania**. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos. Não há democracia se houver completo desprezo pela opinião pública. (TAILLE, 1996, p. 23). (grifo do autor).

Segundo a Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990, em seu Art. 4º do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA): É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Mas tal direito também requer deveres que constam nos regimentos escolares no que se refere aos deveres como o cumprimento das regras e normas para a convivência no ambiente escolar, o respeito para com as pessoas independente de raça, cor, sexo, religião ou classe social, praticando os bons costumes, conhecendo os valores da escola, da família e da sociedade e preservando os espaços públicos e o meio ambiente.

Portanto essas leis tem que ser realmente conhecidas pelos alunos para que fiquem cientes de seus direitos e deveres e pratiquem como cidadãos que são.

Os pais percebem a necessidade do trabalho conjunto com a escola e estão cientes da excessiva liberdade que proporcionam aos filhos, criando-os indisciplinados, cheio de desejos, fazendo-os com que não consigam conviver com obrigações rotineiras e não sabendo lidar com as frustrações. Muitas dessas crianças querem ser o centro das atenções, dificultando a integração social harmoniosa.

A maior parte dos alunos vem de lares desestruturados, são filhos de pais separados, por isso apresentam um comportamento agressivo.

A nova dinâmica social atribuiu novos papéis à família e à escola, conseqüentemente, interferindo na educação das crianças. As crianças de hoje possuem características próprias como: independência, agitação tornando-as mais transgressoras, pois falta o olhar diferenciado dos pais, a vigilância da família. As conseqüências disso são visíveis: indisciplinada no ambiente escolar, perda de valores, falta de exemplos a seguir, falta de diálogo e de laços familiares mais significativos. Pode se perceber que um dos fatos

apontados para a decorrência da indisciplina é a ausência dos pais dentro da escola, como colaboradores do processo de ensino.

De acordo com Rego (1996), a família, entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola.

O autor classifica os pais em: pais autoritários, pais permissivos e pais democráticos. Segundo as autoras Rego e Aquino (1996) as conseqüências de cada um destes estilos no comportamento da criança são bastante significativas: as que recebem uma educação autoritária tendem a manifestar, entre outros aspectos, obediência e organização, mais também mais timidez, apreensão, baixa autonomia e autoestima. Como são privadas de entender as justificativas para as normas que lhes são impostas, tendem a orientar suas ações de modo a receberem gratificações ou evitarem castigos, demonstrando que os valores morais foram interiorizados. Os filhos de pais permissivos, apesar de mais alegres e dispostos que aqueles que recebem uma educação autoritária, devido às poucas exigências e controle de seus pais, tendem a apresentar um comportamento impulsivo e imaturo, assim como dificuldade em assumir responsabilidades. Já os que recebem uma educação democrática, além de apresentar significativo autocontrole, autoestima, capacidade de iniciativa, autonomia e facilidade nos relacionamentos, tendem a demonstrar que os valores morais difundidos em sua família foram interiorizados: parecem ser capazes de assumir determinadas posturas por seus valores intrínsecos e não pelo temor às sanções externas.

Considerando a complexidade do tema, verificamos que os pais, assim com os professores e comunidade educativa necessitam de um trabalho consciente na arte de educar. Não há uma resposta para todos os problemas disciplinares, mas o trabalho integrado de todos os envolvidos poderá indicar caminhos obtendo sucesso na educação das crianças.

2. Metodologia da pesquisa

Partindo do trabalho investigativo, realizamos o método de pesquisa

bibliográfica exploratória, realizado com professores do Ensino Fundamental, realizado com professores, gestores e pais evidenciando a importância da interação entre estes profissionais na busca de alternativas para o trabalho escolar em relação à indisciplina.

Participaram da pesquisa 04 sujeitos sendo professores atuantes em escolas do Ensino Regular que colaboraram em todas as etapas do processo investigativo. Como pesquisadoras, após a aceitação dos professores em participar de nossos questionamentos, colocamos em prática a pesquisa científica conforme as devidas regras para a realização da mesma.

Durante os depoimentos verificamos que pais, professores e alunos anseiam por melhorias na educação e se dizem responsáveis pelos problemas ocorridos na escola, mas diante das ideias confusas e inconsistentes precisam de orientações adequadas e não cobranças.

De acordo com as análises realizadas chegamos as questões sujeitas a mais estudo e aprofundamento, pois não existem respostas prontas ou ações imediatistas. Nos depoimentos percebemos que a clareza de papéis dá um novo significado para a disciplina e indisciplina. O assunto carece de maior atenção dos protagonistas da educação.

Considerando a complexidade do tema e urgência do mesmo, devemos analisar a indisciplina escolar em seus diferentes aspectos, tendo por base estudos teóricos diversificados e propondo mudanças nas práticas pedagógicas e familiares em benefício da aprendizagem significativa e permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou a relação entre a teoria e a prática vivenciada durante os estágios realizados. Diante das reflexões pudemos perceber o quanto é importante um trabalho preventivo no trabalho pedagógico, baseado em estudos, buscando metodologias e práticas democráticas visando a integração do saber, do saber fazer e do saber ser.

Mais do que se preocupar com conteúdos escolares, devemos buscar a coerência nos atos e garantir um clima de confiança entre professores e alunos, envolvendo os pais neste processo de aprendizagem.

Por meio dos estudos teóricos e investigativos foi possível perceber que mudanças

são urgentes e requerem disposição para as transformações necessárias. Surgiram reflexões pertinentes à prática pedagógica, possibilitando que a criança sintasse parte do processo de aprendizagem.

Conforme as entrevistas realizadas com os sujeitos envolvidos entende-se que para construirmos uma nova disciplina na sala de aula, temos que atuar de forma diferente do que hoje ocorre. Quanto mais participativo for os sujeitos neste processo, maiores as possibilidades de acerto.

É preciso acreditar que o ponto de partida para transformação é se envolver, estar disposto a mudar, querer transformar a realidade que as maiorias das escolas se encontram. Para a melhoria da disciplina, deve haver projetos em parceria com a comunidade escolar, pois a participação desta é um grande aliado para a educação, pois contribui para o desenvolvimento escolar e para o relacionamento do aluno com os demais sujeitos da sociedade.

A escola deve elaborar projetos pedagógicos onde haja a participação de todos os alunos, projetos envolventes e atrativos que despertem e estimulem a vontade de crescer tanto em sabedoria como em atitudes enquanto cidadão.

REFERÊNCIAS

AQUINO, JULIO GROPPA (Org.). **Indisciplina na escola – Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar – determinantes consequências e ações**. Brasília: Liber Livro, 2011.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade – Na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1993.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1996.

TAILLE, Yves de La. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 2000.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990.